

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A DISTÂNCIA: ALTERIDADE E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO EM FÓRUM DE DISCUSSÃO

Andréa da Silva Pereira*

Recebido: 20 jun. 2013

Aprovado: 10 out. 2013

*Doutora em Linguística Aplicada pela PUC-SP, professora titular da Universidade Federal de Alagoas. Coordenadora do PROFLETRAS. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil. E-mail: andreas.alp@gmail.com

O verdadeiro meio da enunciação, onde ela vive e se forma, é um plurilinguismo dialogizado, anônimo e social como linguagem, mas concreto, saturado de conteúdo e acentuado como enunciação individual (Mikhail Bakhtin).

Resumo: Este artigo estuda as contribuições de um fórum de discussão para a formação linguística dos alunos de um curso de Licenciatura em Letras: Português/Espanhol na modalidade da educação a distância, à luz da perspectiva dialógica da linguagem de inspiração bakhtiniana. Objetiva-se aqui descrever como o processo de construção da alteridade dos alunos ocorre na situação comunicativa desse meio digital. Os resultados mostram que esse processo pode desencadear um amadurecimento na prática letrada da escrita acadêmica dos alunos, na medida em que eles passam a refletir sobre a língua também como entidade política e cultural.

Palavras-chave: Ensino de língua portuguesa. Alteridade. EaD. Fórum de discussão.

TEACHING PORTUGUESE LANGUAGE IN A DISTANCE EDUCATION COURSE: OTHERNESS AND CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE IN DISCUSSION FORUM

Abstract: The article studies contributions of a discussion forum to teacher's linguistic education on an undergraduate distance education course in Licenciatura em Letras: Portuguese – Spanish, at the light of a dialogical bakhtinian perspective. The aim is to describe how the process of alterity construction occurs in communicative situations in the digital environment. The results show that the process may leads to a maturing of student's academic literacy, as they begin to think about the language as a political and cultural entity too.

Key words: Portuguese language teaching. Alterity. E-learning. Discussion forum.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo estuda as contribuições de um fórum de discussão para a formação linguística dos alunos de um curso de Licenciatura em Letras: Português/Espanhol na modalidade da Educação a Distância (daqui por diante EaD) oferecido por uma universidade do setor privado na Grande São Paulo. A temática aqui trabalhada faz parte de um projeto maior de pesquisa que se propõe a refletir sobre o ensino de língua portuguesa a distância, à luz da perspectiva dialógica da linguagem de inspiração bakhtiniana.

Em uma primeira etapa dessa pesquisa, buscamos investigar como nossos alunos constituíam-se como sujeitos pela escrita no ambiente virtual de aprendizagem¹. Os resultados dessa investigação nos mostraram que as representações do conceito de língua que circulavam no discurso desses alunos, frequentemente por eles confundidas com as representações do conceito anacrônico e discriminatório de gramática normativa, afetavam negativamente, em primeiro lugar, o seu processo de aprendizado no curso, uma vez que elas, enquanto um conjunto de preceitos dogmáticos da língua, sustentam a nociva cultura do erro. Em segundo lugar, essas representações, não raro marcadas pelo preconceito linguístico e pela violência simbólica, tinham implicações perversas para a construção identitária do nosso alunado.

O problema das confusões em torno da representação do conceito de língua tal como mencionado anteriormente não constitui apenas um equívoco de natureza linguística. Trata-se de uma questão de ordem política e cultural de relações simbólicas de poder. Essas relações funcionam como uma força que visa impossibilitar quaisquer alternativas viáveis de mudança, mesmo em um nível social micro de atividade do qual faz parte a educação linguística. De forma geral, as instâncias de poder imprimem um caráter monológico aos discursos, de modo a impossibilitar a escuta do outro como aquele que é diferente. Como nenhuma ordem social é absoluta, todo e qualquer sistema torna-se passível de ser confrontado e alterado (FARACO, 2008; MENDONÇA, 2004).

Diante da necessidade premente de trazermos de volta para nosso trabalho de educação linguística a arena pelo exercício da escrita, contribuindo para conferir novamente ao signo a sua característica heterogênea e plurivalente, propusemos aos alunos um trabalho na disciplina de Introdução à Linguística de reflexão sobre a língua, a fim de provocar um processo de mudança de identidade pela alteridade.

¹ Os resultados dessa pesquisa foram publicados em um artigo intitulado Ensino de língua portuguesa a distância e constituição do sujeito pela escrita (PEREIRA, [2013?]).

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A DISTÂNCIA: ALTERIDADE E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO EM FÓRUM DE DISCUSSÃO

Assim, este artigo objetiva descrever como se deu esse processo de construção da alteridade na situação comunicativa de um fórum de discussão ocorrido no ambiente virtual de aprendizado.

IDENTIDADE E ALTERIDADE

Elegemos a relação identidade/alteridade para trabalhar nosso problema de pesquisa à luz do pensamento bakhtiniano, que propõe uma investigação da linguagem voltada para o seu uso concreto, levando em consideração todos os aspectos que são constitutivos do complexo processo de comunicação intra e interindividual, isto é, da enunciação propriamente dita, na realidade da vida social. Dessa forma, quando falamos na construção de identidade/alteridade pela linguagem a partir de Bakhtin e seu Círculo, de modo algum estamos no campo linguístico abstrato da língua, mas no das forças criadoras da vida da linguagem.

De acordo com Bakhtin, são duas as forças criadoras: a de centralização (força centrípeta) e, a outra, de descentralização (força centrífuga). Essas forças entram na comunicação social de maneira viva e dinâmica como um elo de corrente ininterrupta; essa dinamicidade constitui o plurilinguismo dialogizado. Entendendo a linguagem verbal nessa dinâmica, a noção de dialogismo do enunciado concreto não aponta aqui para o diálogo entre pessoas propriamente dito, mas entre índices sociais de valor, ou entre vozes sociais.

A força centrípeta é a da ordem da unificação e da centralização das ideologias verbais, vejamos o que o autor descreve sobre ela:

A categoria da linguagem única é uma expressão teórica dos processos históricos da unificação e da centralização linguística, das forças centrípetas da língua. A língua única não é dada, mas, em essência, estabelecida em cada momento da sua vida, ela se opõe ao discurso diversificado. Porém, simultaneamente ela é real enquanto força que supera este plurilinguismo, opondo-lhe certas barreiras, assegurando um certo *maximum* de compreensão mútua e centralizando-se na unidade real, embora relativa, da linguagem falada (habitual) e da literária “correta”. [...] A vitória de uma língua proeminente (dialeto) sobre outras, a expulsão de certas línguas, sua subjugação, o esclarecimento graças à palavra verdadeira, a participação dos bárbaros e das camadas sociais numa língua única da cultura e da verdade, a canonização dos sistemas ideológicos, a filologia e seus métodos de estudo e ensino de línguas mortas e, como tudo que é morto, unificadas e, finalmente, o estudo das línguas indo-européias que passam da multiplicidade de línguas diferentes para uma língua-mãe, tudo isso determinou o teor e a força da língua “única” no pensamento linguístico e estilístico e o seu papel criador e estilizador para a maioria dos gêneros poéticos, constituídos no curso daquelas mesmas forças centrípetas da vida verbo-ideológica (BAKHTIN, 2002, p. 81-82).

Conforme mostramos pelo resultado da nossa primeira fase de pesquisa, a crença historicamente construída sobre a existência de uma única língua (norma padrão) que pode ser identificada no discurso dos alunos pelas representações distorcidas da língua e da gramática, não raro nocivas, são, na realidade, fruto dessa força centrípeta a que Bakhtin faz referência. Essa crença constitui assim uma estratificação, não de ordem linguística abstrata, mas de ordem sócio-histórica dos nossos alunos, marcada pelos índices sociais de valor de grupos sociais que, com eles, comungam da mesma opinião. Quando, de diferentes maneiras, os nossos alunos da graduação mostram seu desejo (às vezes em tom de desespero) pelo estudo da gramática normativa, em detrimento de uma reflexão linguística com base científica e, portanto, mais madura (quase uma rejeição), percebemos a comunhão das vozes sociais em torno de uma língua única que os identifica, tornando-os um. Chegamos então ao sentido de identidade que permeia o nosso problema de pesquisa e, nesse contexto, ele é negativo; precisa ser alterado.

Na sequência da última citação, Bakhtin introduz a outra força, a centrífuga, como um contraponto para o processo de identificação da língua única como valor ideológico. Vejamos:

Mas as forças centrípetas da vida linguística, encarnadas numa língua “comum”, atuam no meio do plurilinguismo real. Em cada momento da sua formação a linguagem diferencia-se não apenas em dialetos linguísticos, no sentido exato da palavra (formalmente por indícios linguísticos, basicamente por fonéticos), mas, o que é essencial, em línguas sócio-ideológicas: sócio-grupais, “profissionais”, “de gêneros”, de gerações, etc. A própria língua literária, sob este ponto de vista, constitui somente um das línguas do plurilinguismo e ela mesma por sua vez estratifica-se em linguagens (de gêneros, de tendências, etc.). E esta estratificação e contradição reais não são apenas a estática da vida da língua, mas também a sua dinâmica: a estratificação e o plurilinguismo ampliam-se e aprofundam-se na medida em que a língua está viva e desenvolve-se; ao lado das forças centrípetas caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos da centraloização e desunificação (BAKHTIN, 2002, p. 82).

Se, por um lado, a identidade vem pela força centrípeta, a alteridade, meta do nosso trabalho na disciplina, é resultado da força centrífuga. A alteridade, juntamente com a noção do dialogismo, faz parte do bojo do pensamento bakhtiniano. No cerne da produção de discurso, existe a relação com o outro. Existe sempre um outro me habitando ou habitando o outro. A característica da alteridade está estreitamente atrelada às relações intersubjetivas, isto é, às relações dialógicas envolvendo os participantes do discurso dentro de contextos sócio-históricos. No plurilinguismo dialogizado do fórum de discussão aqui estudado, colocando em processo de interação verbal diferentes índices de valor social, buscamos assim provocar

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A DISTÂNCIA: ALTERIDADE E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO EM FÓRUM DE DISCUSSÃO

revalorizações por parte dos nossos alunos no sentido de que, na tensão com as suas características identitárias, eles começassem a se alterar a partir de outras concepções de língua materna.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O fórum de discussão onde ocorre a atividade pedagógica a ser estudada faz parte do que se conhece na educação a distância como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) – no caso de nosso curso, o Moodle. No geral, toda proposta de graduação a distância segue uma formatação ou um modelo. Esses modelos têm que atender, em primeiro lugar, a algumas exigências postas pela legislação do próprio MEC que foram criadas especificamente para os cursos nessa modalidade. Por exemplo, é de ordem legal que cada uma das disciplinas (ou módulos) de um curso superior exija vinte horas de dedicação de estudo do seu aluno por semana. Dessas vinte horas, quatro tem que ser realizadas presencialmente na instituição de ensino em que o curso é oferecido ou em de seus polos de apoio. A avaliação tem que prever, pelo menos, uma prova escrita presencial, entre outros instrumentos de avaliação.

A instituição do curso aqui em análise segue o modelo teleaula. Nesse modelo, conforme o próprio nome diz, o ponto central incide sobre a transmissão de uma teleaula de duas horas ao vivo ministrada, semanalmente, pelo professor responsável da disciplina por tecnologia satélite durante o período de oferecimento da disciplina. Os alunos, em seus polos, participam por vídeo conferência dessas teleaulas e têm a possibilidade de, por intermédio de um monitor de polo, estabelecer interação com o professor pela ferramenta chat. As participações, normalmente dúvidas e comentários, são enviadas para o professor no estúdio, que as recebe, agora, pela intermediação do tutor de curso. Se não houver tempo de a devolutiva ocorrer ao vivo, ela será feita por escrito e postada na sessão adequada para tal fim no AVA. As outras duas horas que o aluno deve cumprir presencialmente são destinadas ao que se convencionou a chamar de aula-atividade. Essa ocorre antes ou após a teleaula. Os alunos, em laboratórios de informática em seus polos, trabalham em grupos os conteúdos que foram ou que serão abordados pelo professor ao vivo na teleaula, dependendo do calendário previamente organizado da disciplina. Nesse momento de atividade, o professor da disciplina interage pelo fórum (ou chat) com o alunos.

As demais dezesseis horas são reservadas para o estudo a distância nos dias subsequentes ao principal momento da telaula. Para esse momento não presencial, um

conjunto de material didático é previamente preparado pelo professor da disciplina e publicado no AVA. Esse conjunto pode ser constituído de apresentações em slides, normalmente com ilustrações, áudios, trechos de vídeos e textos de diferentes gêneros.

O *corpus* de nosso estudo está relacionado a uma turma com cento e quarenta e sete alunos matriculados, pertencentes aos vinte e dois polos espalhados por todos os estados do Brasil, da disciplina de Introdução à Linguística, que ocorre nos dois primeiros semestres do curso de Letras. A aula-atividade que gerou a participação no fórum foi realizada em grupos. O fórum, que ficou aberto durante uma semana, teve um total de trezentas e trinta e duas manifestações. Como já mencionado, as nossas investigações dentro do grupo de pesquisa já haviam apontado para a necessidade que os alunos tinham de um amadurecimento nas reflexões sobre língua para a sua formação tanto linguística como docente. O tema de discussão da primeira teleaula do curso, para qual foi proposto o fórum de discussão a ser analisado aqui, propunha uma reflexão sobre língua e linguagem do ponto de vista científico e não mais de uma perspectiva gramatical normativa, como era da expectativa deles.

Na interação com os alunos, quer pelo material, quer pela própria teleaula, adotamos um certo tom provocativo que os instigasse a começar a enxergar a língua a partir de outros lugares. No dia primeiro dia de aula do semestre, o momento de aula-atividade antecedeu o da teleaula. Propusemos então um fórum de discussão preparatório. Tivemos o cuidado de escolher textos teóricos diferenciados para esse momento, que propiciassem a reflexão científica da linguagem, mas garantindo ao máximo o interesse do aluno iniciante. No portal do Museu da Língua Portuguesa – Estação da Luz, estão disponibilizados textos teóricos produzidos com um tom de mais informalidade. As marcas de oralidade, as escolhas lexicais e o estilo mais descontraído nesses textos vão aproximando o interlocutor e, com isso, convidando os mais leigos a adentrar na reflexão linguística mesmo que este não se dê muito conta disso. Do texto lá publicado pelo linguista Ataliba Castilho (2013) “O que se entende por língua e linguagem?”, retiramos um trecho que trazia como proposta uma fábula dos cegos e do elefante para discutir teoria linguística. Três cegos, ao entrarem contato com o elefante de diferentes lugares, foram definindo-o de maneira totalmente diferente. A partir de uma analogia com a língua, o autor do texto vai fazendo as considerações sobre o fato de que o entendimento do que é língua depende do ponto de vista teórico escolhido para se enxergá-la.

Esse texto pareceu-nos muito pertinente para a nossa “aula-provocativa”, pois, objetivando iniciar um movimento de mudança em busca da alteridade, o uso da fábula, no

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A DISTÂNCIA: ALTERIDADE E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO EM FÓRUM DE DISCUSSÃO

conjunto com as outras ações, constituiria a força centrífuga a que nos referimos anteriormente. Após a leitura do texto de Castilho recomendada, os alunos se depararam com a seguinte proposta de aula-atividade publicada no AVA, a ser desenvolvida no fórum antes da telaula:

Aula-Atividade

Reúnam-se em grupos de até cinco alunos e participem da discussão proposta abaixo no Fórum “Saussure”

Vocês leram alguns textos em casa preparatórios para a teleaula desta noite. Hoje iniciaremos uma discussão do que vem a ser uma teoria. Para tanto, nesse momento de aula-atividade, leiam o seguinte trecho do texto do Professor Ataliba Castilho, Professor da USP, a respeito do conceito de teoria e, depois, junto com seu grupo, participe do Fórum “Saussure” com a professora tendo como perspectiva a questão que seguirá o texto:

O que vem a ser uma teoria linguística?

Teoria é uma palavra grega que quer dizer “visão”, “ponto de vista”. Lembre-se da fábula dos deficientes visuais e do elefante. Foi mais ou menos assim. Três deficientes visuais rodearam um elefante. Um pegou em seu rabo e disse que o elefante era um animal cilíndrico, fininho e duro como uma corda, ocupando no espaço uma posição variável. Outro apalpou uma das pernas e logo discordou do primeiro: o elefante até pode ser cilíndrico, mas não é fininho, nem duro como uma corda, e ocupa no espaço uma posição fixa, vertical. Um terceiro conseguiu agarrar a tromba e considerou que seus dois colegas estavam certos só até certo ponto: cilíndrico, OK, posição variável, OK, mas nem fino e nem duro.

Qual deles estava certo? Individualmente, nenhum. Coletivamente, todos, ainda que sua visão do elefante fosse apenas aproximativa. Eles tiveram opiniões diferentes porque tiveram “pontos de vista” diferentes (...) Se um quarto deficiente subisse em seu lombo, e um quinto apalpassem suas trombas, teriam surgido mais duas opiniões, pelo menos. Nossa percepção sobre o elefante teria melhorado, mas ainda assim faltaria muito para que conhecêssemos a coisa por inteiro.

Primeira moral da história: a língua é o elefante, os usuários da língua, os linguistas e os gramáticos são os deficientes visuais. Assim como o elefante é um objeto parcialmente escondido para quem não enxerga bem, assim a língua é um objeto escondido para todo mundo, mesmo para aqueles que enxergam bem.

Segunda moral da história: a cada ponto de vista corresponde uma percepção do que é língua. Nenhuma está errada, a menos que se torne inconsistente em relação ao ponto de vista adotado [...].

Transposta a situação da fábula para o estudo da língua portuguesa, fica claro que se não dispusermos previamente de um ponto de vista da língua, torna-se difícil refletir coerentemente e com a maior amplitude possível sobre esse objeto escondido (CASTILHO, 2009).

Proposta para discussão no Fórum:

Ainda brincando com o entrecruzamento do sentido figurado da fábula: elefante = língua, como deficiente visual, em que posicionamento você estaria? Do usuário, do gramático ou do linguista? Por que você diria isso? Vamos à discussão! Mas lembrem-se de como devem seguir as discussões: os grupos devem interagir entre si, discutindo, opinando, discordando dos colegas (inclusive de outros polos) e justificando suas respostas.

Importante ressaltar que o fórum está constituído de dois momentos. O primeiro teve a duração de duas horas, tempo da aula-atividade que antecedeu a teleaula, e foi realizado em grupos nos laboratórios de informática dos polos. Nessa primeira fase, a participação era obrigatória para avaliação. Já a segunda parte do fórum, a ser realizada em casa individualmente, dava mais liberdade para os alunos, pois não tinha o caráter avaliativo. Para cumprir com o objetivo estabelecido para esta investigação, desenvolveremos uma análise linguístico-discursiva de algumas manifestações individuais dos alunos no fórum. Sendo impossível inserir todas as análises realizadas das trezentos e duas manifestações, explicitaremos o processo por amostragem.

EM BUSCA PELA ALTERIDADE

A proposta do fórum de discussão aponta para o exercício de reflexão sobre três lugares enunciativos a partir dos quais é possível olhar o fenômeno linguístico: o do linguista, o do gramático e o do usuário. Seria possível levantar outros lugares, mas, aproveitando o conteúdo da fábula, optamos por essa delimitação. Tendo em vista o contexto de nossos alunos, elaboramos essa proposta para instaurar o plurilinguismo vivo pelo embate entre, pelo menos, duas vozes sociais: uma, encarnada pelo professor, exercendo a força centrífuga e, outra, encarnada pelos alunos, exercendo a força centrípeta, pela forte presença das representações imaginárias da história e da cultura linguística trazida por eles. Com a volta da cena enunciativa do confronto de vozes, preparamos o terreno para iniciar o processo de mudança da identidade para a alteridade. É nosso objetivo, nesta seção do artigo, descrever esse processo na situação de interação do fórum pela análise linguística e discursiva das manifestações dos alunos.

No momento inicial do fórum, predominam palavras dos alunos desprovidas de seu caráter enunciativo; elas estão enquadradas e depuradas pelas atividades mecânicas de ensino

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A DISTÂNCIA: ALTERIDADE E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO EM FÓRUM DE DISCUSSÃO

de língua materna, encontradas, na sua maioria, nas práticas docentes tradicionais, nos livros didáticos, nas provas de concurso, entre outros. Vejamos alguns casos:

Caso 1



Re: Início da discussão no Fórum "Saussure" por Carlos Alberto Silva- quarta, 9 set. 2009, 19:53

Polo Santos
Pedro Souza; Marcelo Araujo

Estaria na posição do gramático por que, meu posicionamento está no gramático e do linguística .
Porque estou no mundo aprendendo o que não é conhecido ou está parcialmente escondido.

(Editado por Andrea Da Silva Pereira - quarta, 9 setembro 2009, 19:50)

E você vê diferença entre as visões do linguista e a do gramático?

Mostrar principal | Editar | Interromper | Apagar | Responder

Respondendo então à proposta inicial do fórum: “Ainda brincando com o entrecruzamento do sentido figurado da fábula: elefante = língua, como deficiente visual, em que posicionamento você estaria? Do usuário, do gramático ou do linguista? Por que você diria isso?”, o grupo² traz o ponto de vista da gramática como opção.

A primeira questão a ser notada é que a resposta à proposta inicial de discussão é realizada a partir das características da modalidade oral da conversação *strictu senso*. O interlocutor dessa resposta do grupo, se se afasta do texto da proposta inicial feita pelo professor, terá que parar a sua leitura, voltar ao início do fórum e recuperá-lo, a fim de poder encontrar sentido para a manifestação dos alunos. As marcas da oralidade podem ser comprovadas pela repetição do uso dos “porquês”. O uso dessas marcas nos possibilitam inferir que a reação do grupo foi rápida, sem reflexão, advinda de um saber arraigado sobre o ensino da gramática como obrigação e dever. Em seguida, aparece ainda, de maneira não muito clara, a menção ao posicionamento do linguista, para a qual, pela intervenção da professora, o grupo é convidado a esclarecer posteriormente.

Caso 2



Re: Início da discussão no Fórum "Teoria Linguística" por Juciele Almeida - quarta, 9 set. 2009, 19:58

Polo Itanhaém
Fernanda Cristina Araujo; João de Souza; Fabíola Almeida ; Adilson de Gusmão

Como deficientes visuais nos posicionamos nos três grupos, apesar de não termos o conhecimento gramático e linguístico profundo, temos o suficiente para adotarmos um ponto de vista.

Mostrar principal | Editar | Interromper | Apagar | Responder

² Os nomes nos autores das diversas participações no fórum são fictícios. Mantivemos, porém, na íntegra o texto por eles produzidos. Retiramos, ainda, as fotos dos participantes do fórum possíveis de serem publicadas. As participações da docente da disciplina são assinadas como “professora”.

Nesse caso, o grupo percebe que não há apenas um posicionamento a ser assumido, o que, à primeira vista, poderia ser considerado uma percepção positiva, na medida em que seria um movimento rumo à instauração da alteridade. Não nos parece ser esse o caso. Primeiro, porque essa percepção ainda se apresenta como “palavra neutra” (BAKHTIN, 2003, p. 294), isto é, sem tom valorativo relacionado a qualquer grupo social, sem pertença a nenhuma voz social. Segundo, se há alguma valorização na manifestação do grupo referente ao caso 2, ela advém da força centrípeta da centralização das ideologias verbais que se deixa entrever pela presença do tom valorativo de “inferioridade” em relação a uma outra “voz” detentora de um conhecimento profundo (absoluto?) da língua quando eles acrescentam: apesar de não termos o conhecimento gramático e linguístico profundo. Esse posicionamento de inferioridade também se manifesta no caso 3. Vejamos a seguir.

Caso 3



Re: Início da discussão no Fórum "Teoria Linguística" por Ana Maria Coutinho - quarta, 9 set. 2009, 20:25

Grupo: Juliana Ramos; Marcia Prado; Jaqueline Veiga; Sara Estavam; Julia Monteiro

Pólo: Santos

Nosso grupo se considera usuário, haja vista o pouco conhecimento da língua que possuímos, pois a usamos para nos comunicar e expressar o que pensamos e sentimos. Levamos em consideração o texto e a sua comparação de elefante: língua e deficiente visual: usuários, gramático e lingüista. Sabemos que existem vários tipos de deficiência visual, ou seja, vários graus de deficiência visual e não podemos colocar no mesmo patamar de “cegueira”, os usuários, gramáticos e lingüista, já que estes últimos se dedicam aos estudos da gramática e da lingüística, enquanto os primeiros apenas usam a língua sem conhecimento profundo.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)

Aqui, o grupo se posiciona como usuário propriamente dito e não o faz por meio da palavra neutra, como no caso anterior. Ao contrário, o grupo eleva a potencia do tom de inferioridade, por meio do uso hiperbólico da cegueira. Eles, enquanto usuários, estariam assim no nível de cegueira maior com relação à língua.

Caso 4



Re: Início da discussão no Fórum "Teoria Linguística" por Vanessa de Oliveira, 9 set. 2009, 20:26

Pólo Mauá

Vivian Zeli; Vanessa; Debora Leiva; Simoni Estima Carlos; Sirley Santos

De acordo com a complexidade do texto concluímos que, cada pessoa interpreta o texto a partir do seu entendimento.

Diante do texto temos a visão de usuário, de gramática e de linguista. Como usuários nos expressamos através da fala, no momento da escrita fazemos o uso da gramática, porém não precisamos de um estudo aprofundado sobre a mesma para nos comunicarmos. E como futuros linguistas aprimoraremos o uso da teoria em nosso dia – a – dia.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A DISTÂNCIA: ALTERIDADE E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO EM FÓRUM DE DISCUSSÃO

No caso 4, fica um pouco difícil de entender o posicionamento do grupo em função dos problemas de progressão sequencial do texto aliados a uma transposição para a escrita de alguns procedimentos linguísticos típicos da oralidade, como a repetição, o que nos coloca diante de uma escrita infantilizada. De qualquer maneira, percebe-se uma representação enviesada sobre fatos da língua que necessitam de mudança. Podemos depreender dessa resposta que o estudo do texto se confunde com o estudo da gramática.

Caso 5



Re: Início da discussão no Fórum "Teoria Linguística" por Sueli Campos - quarta, 9 set. 2009, 20:27

Pólo Brasília, DF

Joaquim Souza; Jair Fonseca; Patricia Oliveira; Eliana Vaz; Sueli Campo; Jose Roberto Ribeiro

Concordamos com o Pólo Bauru, pois não é possível ser estudioso de uma língua sem usá-la e aprender suas regras, sabendo diferenciar o uso delas porque já conhecemos que na escrita elas são mais exigidas que na fala.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)

Outra concepção equivocada sobre a língua pode ser encontrada no caso 5. Aqui há o mito de a modalidade oral ocupar o lugar da informalidade, enquanto que a escrita, mais valorizada, ser o registro mais complexo.

O exame desses cinco casos mostra os efeitos da força centrípeta da categoria da língua única na formação dos alunos, criando um senso identitário negativo, pois suprime a presença de outras vozes sociais nas enunciações e impede a construção de conhecimento mais sólido sobre os variados aspectos linguísticos. Apesar de casos como esses terem representado um certo perfil identitário do fórum, especialmente no seu momento inicial, eles não constituem a única realidade.

À medida que as discussões foram sendo realizadas, e que novos embates iam sendo desencadeados, começamos a perceber atitudes mais responsivas (posicionamentos respondendo a outros posicionamentos), a participação dos alunos no fórum começou a ganhar uma “formulação emblemática [em Bakhtin]: a palavra se dirige.” (AMORIM, 2001, p. 16)

Vejamos alguns outros casos a seguir:

Caso 6



Re: Início da discussão no Fórum "Teoria Linguística" por Valeria Souza- quarta, 9 set. 2009, 20:32

Pólo Perus

Paula Araujo; Isabel Ferreira; Joaquim Oliveira; Danielly Moreno ; Fabia Junqueira

Discordamos do pólo São José dos Campos que dizem que são usuários devido a "falta de conhecimento

tanto na gramática quanto na linguística", pois conhecemos a gramática e linguística não em sua totalidade. Mas é este conhecimento (adquirido em nossa fase escolar e em nossas vivências) que permite sermos usuários desta língua.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)

Nessa resposta contida no caso 6, encontra-se uma polêmica explicitamente marcada no nível do conteúdo semântico do verbo "discordar". Na base dessa discordância, está o questionamento do valor absoluto da língua única, sem a qual o grupo de São José dos Campos opta por se colocar apenas na posição de usuário. Flagramos aqui um desdobramento de olhar: ao enxergar o outro, o grupo se enxerga e adota um posicionamento diferenciado. Dessa forma, a polêmica também penetra o nível do discurso, pois ocorre aí uma mudança no índice de valor social que anteriormente identificava os dois posicionamentos. Essa revalorização aponta para a instauração do processo de alteridade.

Caso 7



Re: Início da discussão no Fórum "Teoria Linguística" por Thais Araujo - quarta, 9 set. 2009, 20:29

Carla; Fabiola; Luiz Roberto; Flavio; Fernando

Analisando atentamente o texto, nós concluímos que nos aproximamos mais do posicionamento "do usuário". Vamos colocar a língua (elefante) num contexto mais amplo. Vejamos em nosso país, nas diversas regiões, cada qual tem as suas particularidades no seu linguajar, então somos de uma certa forma, usuários cegos, pois desconhecemos o linguajar das diversas regiões e ficamos mais atrelados, numa visão mais simplista, apenas ao linguajar e as particularidades da nossa região. Por exemplo: no estado do Paraná é comum chamarmos uma criança de "piá", nos como usuários, muitas vezes somos cegos por desconhecer as particularidades das línguas de cada região. E de nada adiantaria discutirmos se o correto é falarmos "piá" ou "crianças", pois ambas as formas estão certas, elas refletem a cultura, a língua, os costumes locais de cada povo.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)

No caso 7, semelhantemente ao caso anterior, questiona-se o valor da língua como valor absoluto, no sentido de que ela é dinâmica, variável, por tantas razões e de tantas formas que o conhecimento da sua totalidade sempre nos será intangível. O grupo chega a essa conclusão não só trazendo para a discussão do fórum a característica fundamental da língua que é a da sua heterogeneidade, como também observando que a linguagem verbal não é apenas uma entidade linguística, mas também social. Acaba que, apesar de eles terem se colocado como usuários, na prática, o grupo adotou uma postura mais científica. Nesse sentido, tem-se aqui também uma movimentação de alteridade enunciativa.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A DISTÂNCIA: ALTERIDADE E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO EM FÓRUM DE DISCUSSÃO

Caso 8



Re: Início da discussão no Fórum "Teoria Linguística" por Marly dos Santos - quarta, 9 set. 2009, 20:38

Polo Guaianazes

Andréa Souza; Elaine Vicente; Monica Mendonça; Suzana Leite

Concluimos que os professores de Língua Portuguesa geralmente são gramáticos, pois apresentam a Língua somente de maneira técnica (com todas as estruturas propostas da Língua). O que se vê é uma anulação das diversidades linguísticas em seu uso comum e corrente. Como futuras professoras, pretendemos ser tanto gramáticas quanto linguístas, respeitando o uso formal do idioma, mas valorizando as diferentes formas de expressão que revelam a riqueza cultural de nossa Língua Portuguesa revelada nos distintos grupos sociais.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)

No caso 8 verificamos um rompimento identitário para a instauração da alteridade. O grupo localiza a problemática da voz social da língua única, representada pelos professores de língua portuguesa, e se posiciona pelo duplo comentário crítico: (1) "...apresentam a língua somente de maneira técnica, com *todas as estruturas* propostas..."; (2) "o que se vê é uma anulação das diversidades linguísticas em seu uso comum e corrente.". Interessante notar que o rompimento entra no discurso pela distinção dos dêiticos. Para falar sobre a voz social da identidade, é usado o dêitico da não pessoa (3ª pessoa do plural: "*eles*", os professores) e a forma impessoal: "O que se vê é...", o grupo não se inclui no lugar dessa voz social pelo uso dos pronomes. Quando, porém, o grupo manifesta a sua adesão a outra voz social, da alteridade, observamos a presença do dêitico da primeira pessoa do plural: "*pretendemos*". Nesse momento, podemos presenciar aquilo que Bakhtin considera como o verdadeiro ambiente de um enunciado, que é a manifestação do plurilinguismo dialogizado, ou seja, lugar em que as vozes se entrecruzam em um processo contínuo e multiforme, formando assim novas vozes sociais.

Nos procedimentos metodológicos, mencionamos que o fórum se manteve aberto após a teleaula. Contudo, esse segundo momento de participação era livre, ou seja, não contava como evento avaliativo. Ao contrário do que esperávamos, o fluxo das participações continuou a aumentar e o processo de construção da alteridade foi se consolidando no fórum.

Vejamos o caso 9



Re: Início da discussão no Fórum "Teoria Linguística" por Paula de Oliveira - quinta, 10 set. 2009, 18:15

O ser humano é um ser primariamente social, e usa a linguagem tanto verbal, sendo ela escrita ou oral como a corporal para se fazer entender e para entender outros.

Os três desmembramentos, usuário, linguista e gramatical na verdade se confundem pois são unidos pelo ser humano quando este alcança o automatismo ou a fluência em uma ou mais línguas.

Crianças pequenas, mesmo sem ir a escola e serem expostas a regras gramaticais, muitas vezes usam concordância nominal, verbal e numérica perfeitamente se seus pais e outros indivíduos que as cercam se expressam dentro do padrão correto da língua, embora muitas vezes crianças e adultos como usuários da

língua produzem comunicação eficiente entre si mesmos sem respeitar as regras gramaticais de uma determinada língua, por exemplo os dialetos ...
Nos Estados Unidos, por exemplo o BLACK ENGLISH usado pela população negra tem expressões compreendidas somente por aquele grupo específico, e como isto estava interferindo no sucesso dos alunos em testes como o SAT que é como um Vestibular nosso, algumas escolas estavam oferecendo aulas extras de inglês padrão para este e outros grupos minoritários do país, todos são usuários mas nem todos são linguistas e gramaticais..

Mostrar principal | Editar | Interromper | Apagar | Responder

A força centrífuga instauradora da alteridade se faz presente quando ela propõe enxergar o problema dos três lugares enunciativos em uma relação de tensão e não mais na relação dicotômica, que estabelece a língua única ou os lugares absolutos. É justamente a percepção da tensão que a faz inserir a problemática do uso linguístico em relação aos diferentes contextos do ambiente familiar, dos grupos étnicos específicos, das instituições de ensino.

Nessa perspectiva da tensão, nesse segundo momento do fórum, os alunos passaram a buscar outros textos teóricos para, com eles, também dialogarem no fórum. Vejamos os dois casos a seguir:

Caso 10



Re: Início da discussão no Fórum "Teoria Linguística" por Carlos Alberto Fernandes - quinta, 10 set. 2009, 20:24

Colegas

A respeito da nossa discussão sobre diferentes pontos de vista, inclusive entre gramáticos e linguistas, encontrei um texto que julgo perfeito para ilustrar a complexidade e diversidade da nossa língua. Além disso é também uma boa aula de gramática.

Quem se interessar basta ir ao link abaixo.

<http://www.webartigos.com/articles/9411/1/convergencias-e-divergencias-na-definicao-de-sujeito-entre-gramaticos-e-linguistas/pagina1.html>

Boa leitura

Mostrar principal | Editar | Interromper | Apagar | Responder

Caso 11



Re: Início da discussão no Fórum "Teoria Linguística" por Marília Barboda - segunda, 14 set. 2009, 11:59

Pesquisando sobre o assunto, encontrei um artigo bem interessante do Especialista em Linguística Alessandro da Silva Amorim, que traz uma reflexão sobre a postura Linguista e Gramatical do Professor de Língua Portuguesa.

Segue o artigo citado no link abaixo:

<http://www.artigonal.com/educacao-artigos/o-gramatico-o-linguista-e-o-professor-de-lingua-portuguesa-conflitos-1140276.html>

Polo Mauá

Mostrar principal | Editar | Interromper | Apagar | Responder

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A DISTÂNCIA: ALTERIDADE E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO EM FÓRUM DE DISCUSSÃO

No caso 10, o aluno traz um artigo que mostra divergências e incoerências nas definições de diferentes gramáticos, normativos e descritivos, em relação ao conceito de “sujeito” da frase. Interessante aqui é observar a percepção que este aluno teve do texto escolhido para compartilhar com os colegas no fórum. Pela sua escolha, ele pode perceber que os processos de centralização e descentralização cruzam-se e é justamente este entrecruzamento que faz da língua uma entidade viva. No caso 11, a aluna busca um texto como apoio para a discussão do fórum que traz o quarto posicionamento: o do professor, complexificando ainda mais o universo responsivo estabelecido na interação do fórum. Sobre esse novo papel, em relação aos demais posicionamentos, vejamos o que o texto traz de contribuição:

O professor não deve ser um normativo ao extremo, e nem um lingüista ao extremo; deve ser professor, e como tal, aproveitar os recursos e os resultados de ambos para aplicá-los em sala de aula. Baseado nisso, o docente pode, por exemplo, assimilar a noção de variabilidade e mutabilidade da língua, percebendo que todas elas são válidas (ainda mais se compararmos as duas línguas às que a aluno fica exposto). Da normativa, ele pode absorver a noção que existe uma modalidade que é mais “respeitada” que as demais, que é a norma culta das gramáticas. Quando o docente realiza essa idéia, ele também pode começar a perceber que a grande questão em sala de aula não é simplesmente de “conteúdo”, mas “objetividade e finalidade”, ou seja, ele pode perceber que a questão dentro de sala não é apenas metodológica ou técnica, mas principalmente filosófica. Deve-se ter em mente todo um respaldo filosófico, sabendo das utilidades práticas e aplicabilidades de que o que vai ensinar será para o mundo, e não apenas para o momento escolar (SILVA, 2009).

Com essas contribuições trazidas pela aluno por meio do discurso citado, fomos percebendo que os alunos conseguiram entrar em um processo de alteridade, fato que causou um impacto muito positivo manifestado por vários colegas. Vejamos a seguir essa manifestação expressa:

Caso 11



Re: Início da discussão no Fórum "Teoria Linguística" por Joana Araujo - domingo, 13 set. 2009, 12:59

Está sendo muito bom participar deste fórum, lendo atentamente as compreensões dos colegas. O que estou observando é que a medida que o tempo passa e com mais elementos (vindos de outras mentes), o meu entendimento vai evoluindo, passando a enxergar pontos que até pouco tempo atrás estavam totalmente obscuros. É muito bom poder compartilhar as dúvidas e as compreensões com os demais. Talvez mais importante do que chegar a uma compreensão única seja este exercício de saber ouvir aos outros, com a mente aberta, buscando rever seus conceitos, modificando-os ou ampliando-os.

Polo Santos

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)

Outra manifestação curiosa que formos percebendo à medida da instauração da alteridade enunciativa aponta para o surgimento de um ethos mais afetivo e colaborativo das participações do fórum, por meio de a) saudações e despedidas: *¡Hola amigo, buenos días!; ¡Abrazos! ¡Buen fin de semana!, Bom dia! Bem amigos, o tema é muito polêmico,mas ;* b) de expressões de apoio: *Oi Eliane querida, boa noite !Eu entendo perfeitamente a tua posição até por ser conhecedor da tua "experiência de mundo", que inclui o convívio com outras culturas;* de elogios: *Muito interessantes as respostas. Maura, concordo com você, tudo depende do ponto de vista e isso vai ao encontro do que a professora Andréa falou na aula (exemplo do presidente da república); olá fernanda, parabéns por sua resposta concordo plenamente, principalmente com a última frase; Perfeito Maura!; Colegas Consuelo, Delaine e Lucia, É uma experiência muito gostosa esta troca de pontos de vista;* c) de elogios que, às vezes, continham até um tom docente: *Cara Maria de Lourdes, sua análise é clara e sua explicação concisa e coerente. Você conseguiu me convencer sobre nossa missão como linguistas. Parabéns! Um abraço,Consuelo Carriles;* d) de gratidão: *Maria de Lourdes, como adoro ficar na net pesquisando. Sua dica foi muito importante.*

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados das análises sobre o movimento dos alunos de construção da alteridade nos chamam a atenção para dois aspectos com relação ao processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa a distância. O primeiro deles aponta para as contribuições do ensino a distância para o trabalho com a língua, uma vez que na modalidade há mais demanda pela escrita nas diversas situações discursivas que fazem parte do ambiente virtual de aprendizagem. A ferramenta digital aliada a uma proposta pedagógica de qualidade pode servir como uma produtiva estratégia pedagógica para o ensino de língua.

Importante ressaltar que o estudo realizado acompanhou os resultados do coletivo da aula. Apesar de termos analisado todas as trezentos e trinta e duas manifestações constitutivas das duas fases dos fóruns, não foi nossa intenção acompanhar os processos individuais dos alunos, até porque, na primeira parte do fórum, a atividade ocorreu em grupos. Consideramos que essa poderia ser uma proposta de trabalho posterior a ser realizada, a partir, inclusive, de outras ferramentas de avaliação, que não apenas a do fórum. Outro enfoque de estudo poderia estar direcionado para a participação do professor/moderador do fórum, investigando os posicionamentos que ele adota em relação aos posicionamentos que vão surgindo nas

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A DISTÂNCIA: ALTERIDADE E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO EM FÓRUM DE DISCUSSÃO

interações, as suas estratégias linguístico-discursivas para desencadear o embate de vozes, entre outros. Esses são aspectos que não foram contemplados neste trabalho, mas que seriam de valiosa contribuição.

A segunda contribuição trata da escolha da proposta pedagógica do ensino de língua materna. Vimos que ela, a língua, é mais uma entidade política e cultural do que propriamente linguística. Dessa maneira, se a proposta pedagógica encaminhar os alunos, pelo uso da linguagem, a posicionarem-se politicamente e encontrarem-se dentro da sua cultura como sujeitos de suas práticas sociais, haverá, como implicação, um amadurecimento do próprio uso linguístico. O estudo aqui realizado corrobora com essa afirmação, uma vez que, pela abertura de espaço à força centrífuga, as práticas de escrita no fórum foram, gradativamente, ganhando uma maior maturidade textual e, sobretudo, enunciativa. Nesse sentido, os resultados de nossa experiência com o fórum confirmam a urgência de repensarmos a nossa cultura de ensinar língua em todos os seus estágios, dos mais iniciais até a graduação, introduzindo às nossas práticas docentes a realidade mesma da enunciação do plurilinguismo dialogizado, dinâmico e vivo.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2011.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: MartinsFontes, 2003.

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 3.ed. São Paulo: Ed. Unesp/Hucitec, 2002.

CASTILHO, Ataliba. **O que se entende por língua e linguagem**. 2009. Disponível em: <http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_14.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2013.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDONÇA, M. Língua e ensino: políticas de fechamento. In: BENTES, A.; MUSSALIM, F. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteira**. São Paulo: Cortez, 2004.

PEREIRA, A. **Ensino de língua portuguesa a distância e a constituição do sujeito pela escrita**. São Paulo: Ed. Mackenzie, [no prelo].

SILVA, Alessandro Amarin. **O gramático, o linguista e o professor de língua portuguesa: conflitos?** 2009. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/educacao-artigos/o-gramatico-o-linguista-e-o-professor-de-lingua-portuguesa-conflitos-1140276.html>>. Acesso em: 28/11/2013.